

O Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 13500, 8 mezes 18000, 4 mezes 500, Brazil 35000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

A desorganisação judicial, *Augusto de Castro*.
Revista internacional.
A quaresma, *P. Q.*
Noticiario.
Secção litteraria:
Ansterlitz (continuação) *J. F. de Vasconcellos*.
Violeta (poesia) *Joaquim de Lemos*.
Na praia (conto) *Agir-Agram*.
Tu e eu (poesia) *A. Brites*.
Um sonho (conto) *Silvano Cruz*.
Dolora (poesia) *Joaquim de Lemos*.
Theatros do Porto, *Thalcave*.

ANGEJA, 23 DE MARÇO DE 1887

A DESORGANISAÇÃO JUDICIAL

CONTINUANDO hoje a publicar o artigo que encontramos na *Gazeta da Relação de Lisboa*, que é o seguimento d'outro, que se lê no n.º 107 d'esta *Revista*, fazemo-lo com o maior prazer, porque temo a cívica e íntima e profunda que da nossa parte concorremos para beneficiar e melhorar uma das mais bellas e levantadas instituições, que, nas sociedades modernas, representa maior força e prestigio — a magistratura.

A' sua guarda estão confiados interesses valiosissimos: a fortuna, a honra, a liberdade, a defeza do Estado e dos cidadãos dependem da sua apreciação e julgamento.

Assim o tem entendido os governos de todas as procedencias e côres politicas, que, longe de lhe cercearem o numero das suas attribuições, ao contrario, em diversos diplomas legislativos, lhe tem confia-

do maior numero de serviços e mais amplitude de obrigações.

E' que, nos tempos que vamos atravessando, só n'este poder, o Estado e os cidadãos encontram garantia segura que sirva de salvaguarda aos seus direitos e interesses legitimos.

O recrutamento, as execuções fiscaes e o proprio contencioso administrativo, são prova evidente d'esta asserção.

Mas, é forçoso confessal-o, á confiança que se tem depositado no poder judicial, não tem da parte dos poderes publicos correspondido a menor solicitude para garantir a sua situação e independencia, causa unica e exclusiva da consideração em que é tido.

Se a magistratura é, pela nossa constituição politica, um poder do Estado, e, se esse poder tem necessidade, mais do que nenhum outro, de prestigio, independencia e illustração, por certo que os governos tem a obrigação inadiavel de darem aos seus membros a dotação condigna á sua elevada missão.

Não se nasce julgador, só a experiencia e o estudo aturado, podem da essa qualificação, e ao Estado compete o rigoroso dever de fornecer ao magistrado os meios precisos para obter taes resultados.

No estado actual da nossa sociedade o preço das subsistencias tem attingido o seu grau mais elevado, como muito bem se demonstra no artigo a que nos referimos, e comtudo os poderes publicos, sem se importarem com o desprestigio em que a magistratura possa encontrar-se pelo desacerto de suas decisões e pela mesquinhez da sua existencia, não tem olhado para esta situação, que peiora dia a dia e que pôde aniquilar uma das mais bellas instituições da civilisação moderna.

E' urgente remediar o mal.

Veja-se o que em 1827 succedia no nosso parlamento; então, quando o mal estava longe de attingir o grau em que actualmente nos encontramos, na camara dos deputados apresentava-se um projecto de lei, elevando os ordenados de juizes de 2.ª instancia pela fórmula seguinte:

Juiz presidente da Relação de Lisboa . . .	2:700\$000 réis
Ao da Relação do Porto . . .	2:500\$000 »
Aos das outras Relações . . .	2:000\$000 »
A cada nm juiz de Lisboa e Porto . . .	2:400\$000 »
Aos das outras Relações . . .	1:700\$000 »

E note-se que por este projecto, que tem a data de 17 de março de 1827, e é assignado pelos deputados José Caetano de Paiva Pereira, Antonio Vieira Tovar e Albuquerque e Francisco Manoel Gravito, volume 3.º da *Historia das côrtes geraes portuguezas*, a pag. 475, o numero das Relações era elevado a oito!

Então reconhecia-se que o ordenado do presidente d'um tribunal de 2.ª instancia devia ser superior a 2:000\$000 réis, e que o de cada um dos seus membros devia ser de 2:400\$000 réis, em Lisboa; 2:200\$000 réis, no Porto; e aos outros juizes dava-se-lhes 1:700\$000 réis; actualmente dá-se-lhes muito menos de metade, porque o seu ordenado, sem distincções, é de 1:000\$000 réis.

O projecto, de que estamos falando, e que obteve parecer na camara dos snrs. deputados, não chegando a ser convertido em lei por falta de tempo, estabelecia no artigo 1.º, além das Relações de Lisboa e Porto, mais seis—Mirandella, Vizeu, Evora e Loulé, e duas nas ilhas.

A differença é enorme entre aquella época e a actual, e todavia o ordenado d'um desembargador é

hoje menos de metade do que se lhe consignava n'aquelle projecto, que elevava a oito as tres que actualmente existem.

Veio mais tarde o decreto de 16 de maio de 1832, n.º 24, em condições economicas mais melindrosas do que aquellas em que actualmente nos encontramos e n'um periodo em que tudo estava vacillante e incerto, porque o systema politico, que acabava de ser implantado, contava curto periodo de existencia ainda, e, no emtanto, um decreto eleva os ordenados da magistratura pela maneira seguinte:

Presidentes . . .	2:000\$000 réis
Desembargadores . . .	1:600\$000 »
Procuradores regios . . .	1:600\$000 »
1.ª instancia, juizes . . .	1:200\$000 »

O decreto de 26 de setembro de 1836 taxou os ordenados aos presidentes em 1:400\$000 réis, e aos outros juizes em 1:200\$000 réis; aos de 1.ª instancia de Lisboa e Porto 1:000\$000 réis, e aos outros 800\$000 réis.

Este decreto foi o resultado das condições difficeis em que n'essa época se encontrava o thesoure, mas ainda assim os ordenados eram então muito superiores aos actuaes.

Pouco durou a fixação d'estes ordenados, porque o decreto de 13 de janeiro de 1837, na tabella n.º 2, elevou os ordenados da seguinte fórmula:

Ao presidente do Supremo Tribunal . . .	2:800\$000 réis
Aos outros conselheiros . . .	2:000\$000 »
Procurador geral da corôa . . .	2:400\$000 »
Ajudante . . .	1:400\$000 »
Presidentes das Relações . . .	1:600\$000 »
Juizes . . .	1:200\$000 »
Procurador regio . . .	1:400\$000 »

FOLHETIM

O noivado d'aldeia

(A. A. F. V.)

[Continuado do n.º 2]

Das creanças as mães cuidam, para isso os paes não tem jeito: as mães... sim! não se descuidam de quem mamou ao seu peito.

E' solto! não tem cuidado em tal dia o lavrador! e quem não tem descansado, se descansou o Senhor!?

A mulher, essa trabalha da cosinha e filhos cura: á noite a cama lhe valha, que lhe o domingo não dura.

A solteira, sim! folgada, só cura de mais folgar:

vê o curar da casada e quer com tudo casar.

E' querem-no as moças todas da noiva amigas tambem... quem lhes dera assim as bodas co'os namorados que têm!

XI

Mas ellas tem esperanza, que todas as moças têm: ao nascer é-se creança e, ao depois, esposa e mãe.

Esposa! como é formoso o lembrar a ideia só! porém não é igual gozo o lembrar a ideia avó.

Ser noiva, depois esposa... isso, sim! é mais bonito... porém velha caprichosa e de pensar esquisito....

Todavia isto não tira de chegar a ser avó: o mais tarde a morte as tira e já muito velhas só,

p'ra que vejam inda os netos, os filhos dos filhos seus, e, se possivel, bisnetos e trinnetos, se os dêr Deus.

XII

As jovens assim pensavam neste festivo jantar: não muito tempo occupavam com tão sisudo pensar,

que o vinho alegre e a comida lhes tinha mais attractivos... para que estar absorvida a joven, sem ter motivos?!

Por isso riam... comiam... que tinham grave a pensar?... nada!... por isso bebiam, continuando o jantar.

XIII

Como estava bello o dia para o festivo jantar! o sol já alem descia para a montanha e occultar.

E, como d'alli se via o sol já a mergulhar, ainda da serra vinham os raios parar,

entrando, como á porfia, pela sala do jantar, por janella que se abria á pallidez do luar.

E, enquanto o astro ia e descia, já o céu se ia a ennoitar e do nascente o rosto ia lua cheia a levantar.

Quando o sol já se sumia e já a noite ia a augmentar, da boda a gente se erguia, tendo acabado o jantar.

Ser tarde ninguém dizia, apoz tão lauto jantar: um jogava, outro se ria, pela sala a passear.

E enquanto a noite descia accentuava-se o luar e pouco a pouco perdía a cor do poente em brilhar.

Ajudante	1:000\$000 réis
Juizes de direito de Lisboa e Porto	700\$090 »
Juizes das outras comarcas	500\$000 »
Delegados, Lisboa e Porto	350\$000 »
Em outras terras	300\$000 «

A lei de 28 de novembro de 1840, fundada nas mesmas necessidades do thesoureiro, reduziu os ordenados dos juizes de 1.ª instancia a 400\$000 réis, e os delegados, fóra de Lisboa e Porto, a 300\$000 réis.

Na Reforma Judiciaria de 21 de maio de 1841 ficaram os ordenados mantidos pela mesma fórma por que o estavam anteriormente.

Actualmente os ordenados que vencem os magistrados judiciaes são, com pequena differença, iguaes áquelles que foram votados ha mais de 45 annos.

N'um tão largo periodo, uma ou outra vez no parlamento se tem lembrado a mesquinhez e miseria com que é dotada a magistratura mas ninguem tem feito acabar este tão prejudicial como inconveniente estado de cousas. Assim a ultima tabella da distribuição da despeza para o exercicio de 1886 a 1887, auctorizada pela carta de lei de 15 d'abril d'este anno, dá:

Ao presidente do Supremo Tribunal (fóra o terço)	2:000\$000 réis
Aos mais conselheiros Presidentes das Relações	1:600\$000 »
Aos outros presidentes (fóra o terço)	1:000\$000 »

A lei só pôde ser boa, quando aquelles que a executam e applicam estão á altura em que a sociedade os deve ver nas suas vias, saber e prudencia.

Assim o tem entendido os povos das diversas nações da Europa, votando nos seus orçamentos grandes ordenados áquelles que tem de julgar dos direitos controvertidos dos cidadãos nas diversas circumstancias sociaes em que se encontram. Façamos nós o mesmo, se queremos no futuro uma magistratura independente e digna da consideração publica, a que tem direito.

Augusto de Castro.

XIV

Mui branda soprava a brisa lá fóra nos olivae e a noite visinha avisa os folguedos nupciaes.

assada apenas uma hora, ara facil digestão, ão deixa aos noivos demora pulsar do coração.

XV

E' noite! já no ceu brilham as mais vividas estrellas e já as sombras perfilham as montanhas a descel-as.

A casa dos noivos prompta as portas breve franqueia: logo entra gente sem conta, que fóra alegre passeia.

Da festa do noivo é a casa, casa de bom lavrador: a sachola, a enxada e a rasa, co'o pipó e a pá em redor,

REVISTA INTERNACIONAL

E' assumpto da actualidade em toda a Europa a questão da alliança italo-austro-alemã.

Na verdade é uma questão momentosa e de interesse geral, porque a ella está ligado o futuro do continente.

Assente o tratado, que firmou, esta alliança, é ainda ponto de controversia a permuta das vantagens reciprocas. Esta alliança deve forçosamente constituir para a Russia uma barreira invencivel ou vigorosa á realisção no oriente do seu programma ambicioso e despotico. Com effeito a sua ingerencia armada nos Balkans, encontraria, de certo, na sua frente as armas da Austria, reforçadas pelas dos aliados, bem como as da Grã-Bretanha, que sempre excogita oportunidade de combater o progredimento moscovita.

A França, certamente, não pode ser indifferente esta convenção da Europa central, porque é caso para perder, ou lucrar muito, se conseguir uma victoria decisiva sobre o imperio germanico.

Não deixará a nosso vêr esta questão de trazer uma situação bastante embaraçosa para a grande nação franceza.

A Inglaterra por seu turno, que ha pouco via o seu desprestigio imminente, fica assim na vantajosa situação de poder jogar a sua carta como lhe a prober e com mais probabilidade de bom exito.

—Estando o imperador Guilherme a salvo dos seus ultimos incommodos, que tanto sobresaltaram a Europa, parece todavia que passado o seu nonagessimo anniversario, elle abdicará no principe imperial seu filho. O novo reinado modelar-se-ha ou não pelo precedente, consoante o principe Frederico na ascenção ao throno, seguir ou não o systema politico do chanceller allemão Quer-nos parecer que, attenta a approvação do septenado, o novo imperador terá, mau grado seu, de renunciar, embora temporariamente, as suas antipathyas, cedendo perante a enorme influencia, que a mesma lei deposita nas mãos do senhor de Bismarck.

um eirado, a relha, o encinho e os cumpridos manguaes, os vinhaes fóra com vinho e o azeite nos olivae.

No souto os féros onriços inda não bem se divisam: no lar tismados caniços com o fumo se envernizam.

Muitas terras, pouca casa tem o probo lavrador, porque pensa que lh'a arraza da ventania o furor.

Por isso não pôde a gente, que queria convidar, entrar toda juntamente para a sala de jantar,

que a meza muito cumprida par'cia a sala tomar e não dava para a lida muito sobejo logar.

XVI

Uma pipa com torneira jaz além inda a pingar,

A QUARESMA

Agora que estamos na quaresma, pa rece-nos conveniente darmos publicidade á sua instituição.

Ha certos numeros que em todos os tempos os mais remotos, forão consagrados pelo respeito dos povos.

O numero quarenta está n'este caso. O diluvio universal durou 40 dias.—Os hebreus vagabundearam 40 dias antes de entrarem na terra da permissoão—Moyses jejuou 40 dias na montanha—Elias esteve no deserto por espaço de 40 dias.—Apenitencia que Jonas infligiu aos Ninivitas foi de 40 dias. S. Matheus diz que Jesus jejuou 40 dias, e 40 noites.

Alguns auctores querem dizer, que em commemoração d'estas occorrencias, os christãos instituíram a quaresma, que tambem dura quarenta dias.

Segundo alguns a instituição da quaresma vem dos Apostolos, e attribuem esta instituição ao papa Telesphoro morto em 134, que ordenou, que na vigilia do Natal se celebrasse a missa á meia noite para commemorar a hora do nascimento de Deus.

Ha outros auctores porém que affirmam ser a quaresma instituida por S. Pedro. A observancia da quaresma parece ter sido facultativa nos primeiros tempos da igreja porque em 789 Carlos Magno mandou applicar pena de morte contra aquelle que a infringisse sem dispensa da lei.

Os anachoretas, os padres do deserto observavam a quaresma com bastante austeridade. S. Macario da Alexandria passava-a toda do principio ao fim sem dormir, sem beber, e só comia uma folha de couve crua aos domingos. Santa Maria, a Egipcia, foi mais austera — não comia cousa alguma durante a quaresma, que passava no deserto, e era por isso que o seu director Zozimo a encontrava na paschoa muito mudada.

No entanto a quaresma tambem tem sua utilidade na economia domestica—come-se menos carne, gasta-se porém mais peixe que é util aos vendedores do pescado, que se torna mais importante na quaresma.

O papa Nicolau prohibiu aos bulgarios fazer a guerra durante a quaresma.

A historia ecclesiastica diz que os primeiros christãos jejuavam todo o anno e por causa dos fracos se estabeleceu a lei da quaresma.

Mas Erasmo, que sem duvida era tão bom christão, como homem chistoso, observava com pouca regularidade a quaresma, e respondia aos que o censuravam:—saibam todos que a minha alma é catholica, mas o meu corpo é protestante.

Antes do seculo 5.º a quaresma era só de 36 dias—mas depois d'essa época, só a igreja de Milão é que conserva o antigo uso.

p'ra os amigos da videira, que se quizerem saciar.

Ainda ha muito que resta de tão festivo jantar, que não gastou tudo a festa, tendo comido a fartar.

Ha fartura: e se o contrario alguem julgar tem desejo, olhe alli para esse armario... tanto pão! e tanto queijo!

tantas canecas de vinho, de varia louça e feitto! como todos de caminho mostram que não tem fastio!

E enquanto comem e bebem da noiva os paes parabens d'estas visitas recebem, por genro de tantos bens.

XVII

E já noite: e nesta sala não ha mezas nem cadeiras,

São muitos os casos que emittimos para não cançarmos os leitores, nem a nós. P. Q.

NOTICIARIO

Anniversario. — Fez hontem annos o nosso muito particular amigo, o ex.º sr. dr. Augusto Maria de Castro, meretissimo Procurador Regio na cidade do Porto e irmão do muito nobre chefe do partido progressista, o ex.º sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Seríamos muito ingratos, se não dessemos a noticia do anniversario do maior pugnador dos interesses d'Angeja, d'aquelle que tanto tem trabalhado para elevar a sua terra ao nivel das melhores villas do paiz e sobre tudo d'aquelle que para nós tem sido mais que um amigo, mais que um irmão; tem sido um verdadeiro pae!

Que s. ex.ª receba, do fundo do nosso coração, as mais sinceras e entusiastas felicitações, assim como toda a sua ex.ª familia.

Partida. — Retirou-se para a igreja de Arada, Ovar, para onde fóra transferido, o reverendo parcho Venancio Peroira, que aqui esteve sexta-feira em Angeja.

Nomeação. — Foi nomeado parcho encomendado d'Angeja, o rev. padre Antonio Augusto d'Oliveira Santos.

Foi uma feliz escolha, e d'aqui lhe endereçamos os nossos sinceros parabens.

Enfermidade. — Tem estado gravemente enfermo, com um ataque rheumatico ha perto de 3 mezes, o ex.º sr. Antonio Joaquim de Freitas.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Julgado de paz em Angeja. — Sabemos por informações fidedignas que é facto assente a creação d'um julgado de paz n'esta terra, embora esteja dependente ainda d'uma lei que ha-de ser apresentada em côrtes. E' um melhoramento de grande vantagem para esta extincta villa que constitue mais uma prova da dedicacão, que por esta terra tem o ex.º sr. dr. Augusto Maria de Castro por intermedio do qual aquelle povo espera conseguir mais esta garantia.

—Está para breve tambem a creação do julgado municipal em Albergaria Velha.

Nascimento do principe da Beira. — Foi pelas 9 e um quarto da noite de segunda-feira 21 de março, que S. A.ª duqueza de Bragança deu á luz um principe, que se chama Luiz Philippe, nome de sua augusta familia.

Artigo do fundo. — Este artigo foi publicado ha dias na "Revista dos Tribunaes". Publicamol-o por versar sobre uma questão importantissima, qual é a de melhor assegurar a independencia á magistratura, para o que está já quasi elaborado um projecto do sr. ministro da justiça.

Será mais um acto que assignará a estada do actual gabinete nos conselhos da corôa, pois os ordenados que actualmente percebem os magistrados são de deslusto a uma nação civilisada.

que numa noite de gala quem é que sente canceiras?

Vêm luzes, candeias, vélas e o classico candieiro, cujos annos mil cantelas fazem ter ao fazendeiro.

A's quatro e cinco candeias pendentes tem velador: no cortiço das colmeias a lampada d'um Senhor.

'Stá a sala illuminada e já toda a gente entrou: de mobilia estava ornada, só com instrumentos ficou

e com o pesado armario, que, pelo peso que tem, não deixou o proprietario que o retirassem tambem.

(Continúa.) J. F. de Vasconcellos.

SECÇÃO LITTERARIA

AUSTERLITZ

(Continuado do n.º 2)

Napoleão, nas suas proclamações, tinha alguma coisa de mais que os capitães notáveis, tinha alguma coisa de grande: Béranger, o celebre poeta popular da França, encarnado hoje no nosso Palmeirim, diz que elle é o melhor poeta d'este seculo e em verdade somos obrigados a dar alguma razão ao celebre auctor de *L'Arabe*.

O exercito d'Inglaterra, tornado exercito d'Allemanha, que tinha atravessado, como vimos, a França; Bernadotte, commandante do d'Hollanda e da Baviera; Soult, Davoust, Ney, Lannes, cada um com um corpo d'exercito; o marechal Murat, cunhado de Napoleão, futuro gran-duque e rei de Napoles, com a cavallaria; o marechal Bessières com a guarda imperial; o marechal Rapp, ajudante de campo do imperador, com mais 22 marechais, ás ordens d'aquelles primeiros: tal é o exercito, a cuja frente se poz Napoleão no 1.º d'outubro, e, guiando-o ás margens do Danubio, vultou as posições do exercito inimigo, luctou com vantagem em Wertingem, Guntzburg e Memmingen, que facilitam o impulso da sua carreira impetuosa.

A 12 d'outubro entra em Munich, capital da Baviera, liberta os Estados do seu fiel alliado, força a ponte d'Elckingen, defendida por 15 mil austriacos e, por manobras habéis e sabias combinações, obriga o general Mack, antes mesmo que elle suspeitasse a aproximação dos francezes, a encerrar-se em Ulm, com 30 mil homens, força-o a render-se, o que elle fez, em vez de resistir, como devia, a 20 d'outubro, entregando-lhe a praça, depois d'alguns dias de cerco e faz 60 mil prisioneiros, sem combate, a um exercito de 80 mil, ao redor do qual a sua vasta intelligencia pozera um circulo de ferro intransponivel.

Em quinze dias o imperador, perseguindo as columnas inimigas, destroe um exercito de tão grande numero d'homens, sem dar uma só batalha, apodera-se de duzentos canhões, oitenta bandeiras e a victoria que o acompanhou em Ulm, em Lodi, em Arcole, em Aboukir e Marengo, não o abandona nos campos de Lowers, Amstetten, Marienzel, Prasling, Lintz, e Inspruck.

Massena, transpando o Piava e o Isonzo, derrota os austriacos em Castelfranco, enquanto no dia immediato á tomada de Ulm, Napoleão, sabendo que os russos marchavam apressadamente em socorro da Austria, dirigiu a ordem do dia seguinte aos seus soldados:

«Soldados do grande exercito! fizemos uma campanha em quinze dias; vós não parareis aqui: este exercito russo, que o ouro da Inglaterra transportou da extremidade do universo, nós vamos exterminar-o.»

Antes, tinha tambem dito Napoleão, no principio da campanha:

«Já não pararemos, sem termos asegurado a independencia do corpo germanico, soccorrido os nossos alliados e confundido o orgulho dos nossos aggressores. Não faremos mais paz sem garantia: não enganará mais nossa generosidade á nossa politica.»

Depois, Napoleão parte ao encontro dos russos, destroça-os em muitos pontos, fal-os fugir diante d'elle, sem nem antes ter attendido ao enviado de Prussia, que se lhe apre-

sentara talvez para comunicar-lhe as intenções pouco amigaveis do seu monarcha, nem deixar-lhe tempo de explicar-se, pois lhe disse logo, mostrando as linhas inimigas:

«E' uma batalha que se annuncia, eu os baterei; nada me digaes hoje, nada quero saber; ide a Vienna esperar a conclusão d'este negocio.»

O marechal Mortier, pela vantagem alcançada sobre o exercito russo, que vinha auxiliar os austriacos, abre as portas de Vienna a Napoleão Bonaparte, que fez a sua entrada triumphal a 13 de novembro de 1805, na orgulhosa capital da Austria, que nunca tinha sido humilhada com a presença do vencedor, evacuada, havia alguns dias, pelo seu soberano, que fora refugiar-se na Moravia com os restos do seu exercito, junto do czar Alexandre I.

Entretanto o imperador d'Austria manda plenipotenciarios a negociar com Bonaparte, que offerece primeiramente um armisticio para deter a effusão de sangue. Porém Napoleão reconhece bem depressa que tais factos não tem por fim mais que dar tempo ao exercito russo d'avancar e por isso não tem a imprudencia de ficar mais tempo em Vienna, onde podia ser atacado ao mesmo tempo, d'um lado pelo archiduque que vinha d'Italia, quasi a marchas forçadas e do outro, pelo exercito russo, que descia da Moravia.

Saido de Vienna, Napoleão persegue os seus inimigos, attinge-os em Brünn, grande e bella cidade fronteira da Moravia, defendida pelo castello de Spielberg, á qual a antiga Olmütz tinha cedido a cathogoria de metropole, apodera-se d'ella e avança até Wischau, pequena povoação do mesmo paiz, situada a 35 k. N. E. da capital, tomando posição a 13 de novembro.

Entretanto o exercito austro-russo, que segundo A. Hugo, historiadador da epopeia napoleonica, se compunha de 102 batalhões e 150 esquadões ás ordens de Kutusof, commandante em chefe, avançava do norte e de dia para dia se esperava velo chegar ás posições occupadas pelo herdeiro de S. Luiz.

As demoras do velho general moscovita tinham dado a Napoleão o tempo de escolher campo de batalha e de reforçar o seu exercito, que, segundo o auctor supracitado, não excedia a 40 mil homens, com os corpos dos marechaes Bernadotte e Davoust.

Esperavam já as aguerridas phalanges bonapartistas a chegada do exercito d'Alexandre, que afinal a 29 de novembro appareceu em Wischau, precedido por uma nuvem de cossacos, trazendo todos, czar e soldados, russos e austriacos, com pequenas excepções, boas esperanças de apertar, cercar e derrotar os sicambros, depois de tornada impossivel qualquer retirada.

Apenas o soberano de França e Italia soube que havia chegado o dynasta dos Romanof com as suas hostes, mandou cumprimental-o pelo general Savary, seu ajudante de campo, que levava ordem de sondar quaes as disposições do czar.

Savary veio do campo d'Alexandres, no momento em que Bonaparte acabava de fazer o reconhecimento do fogo e acampamento inimigo.

O czar e Constantino, seu irmão, tinham-lhe feito bom acolhimento: porém a noticia mais importante que o general trazia era a de que no acampamento d'Alexandre reinava mais presumpção, ignorancia e temeridade, partilhada por elle e pelos seus nobres, do que exacto conhecimento das circumstancias.

Bonaparte reconheceu logo a sua posição vantajosa e formou o plano de os esperar e espiar a occasião de aproveitar-se da sua superioridade. Deu immediatamente ordem de retirada ao seu exercito, o que se effectuou de noite, como o faria uma hoste batida em forma e foi estabelecer-se a 15 k. d'alli entre Turasc e Brünn, mandando sem demora trabalhar e fortalecer de baterias a boa posição, que tinha tomado.

Da sua parte, Napoleão tinha proposto ao czar uma entrevista, para o que este lhe enviou o seu ajudante de campo, o principe Dolgorouski, que, ao chegar ao acampamento francez, viu logo que tudo indicava receio do numeroso e valente exercito, de que elle fazia parte.

Bonaparte tinha ido recebel-o aos seus postos-avanzados e, apoz os primeiros cumprimentos do rito, Dolgorouski começou a entabolar negociações politicas, fallando do que não sabia nem tampouco comprehendia, mas fallando muito, para o que Napoleão lhe deu vagar, por querer estudar n'elle o caracter dos nobres da comitiva czarina.

Napoleão, como se sabe além de imperador dos francezes, era senhor da Belgica, incorporada á França e rei d'Italia, não mencionando aqui outros territorios que já possuia em 1805 e outros, que veio a adquirir depois. Foi sobre a Belgica e a Italia que recaiu afinal a conferencia entre o principe e o imperador, propondo aquelle a este a cessão da Belgica e a renuncia á coroa d'Italia.

O eminente Pierre Larousse, asombro dos sabios do seculo XIX, em cuja obra monumental respigamos importantissima parte de notas sobre a campanha de Moravia e a batalha d'Austerlitz, diz que Napoleão acabava de fazer a visita ás seus postos avanzados, quando o principe, de quem vimos fallando, que era um dos mais ardentes declamadores do estado maior do czar, veio da parte do herdeiro dos Ivans propor ao grande capitão condições de paz insultantes.

Ainda ha pouco vimos quaes eram.

O leão da Corsega conteve a sua indignação, crendo de dignidade imperial, não deixar estalar a colera, que lhe causou tal proposta em frente de semelhante negociador.

Da sua parte, o principe russo, vendo o receio dos francezes, receio que accusava bem a pressa com que levantavam as suas fortificações e o pouco apparato, com que Napoleão vivia, cria já dar parte a seu senhor que o exercito gaulez tinha por uma vez terminado a sua carreira gloriosa.

(Continúa.) J. F. de Vasconcellos.

VIOLETA

Que tempo que perdi a amal-a doidamente e afinal conseguí o seu desdem sómente.

Despresa-me, bem sei, bem sei que me despresa. Tambem a despresei porem com que tristesa!

Volvesse-me inda agora seus olhos virginaes... Amava-a como outrora! Ainda a amava mais!

Nem tu sabes o muito que te adoro! Amavas-me talvez, Se chegasses um dia, uma só vez, a ver correr as lagrimas que choro!

Mas ainda apesar de me odiares, que me odeias, bem sei! Só peço a Deus que aquelle a quem amares te adore tanto assim como eu te amei.

Joaquim de Lemos.

NA PRAIA

ESPERANDO...

Era uma barraca de lona, como a maior parte d'ellas são, talvez, mas eu differencava, achava-a mais elegante, mais aprumada; a minha predilecta, emfim!

Porque eu posso ter predilecções. Ainda que irrealisaveis...

Pois bem: tomemos esta barraca por scenario, façamos de conta.

Dentro, uma cadeira pequena.

Outra maior.

Uma janella.

Uma toalha.

—Tudo accessorios...

N'esta manhã ella não me per-tencia.

Alugada já! E eu estava com meu ferro...

Queria um desgosto para quem quer que fosse seu dono ou dona.

E mais eu não sou mau...

Esperei!

Uma senhora nova, nem de alta nem baixa, entre gorda e magra, morena e loira, mui terna, diz-se. Com o seu vestido azul marinho, ás riscas brancas e escarlates; um chapéu de palha clara, umas luvas, um leque...

Entrou.

Eu esperava ainda.

Torna a sahir, vestida para o banho, galante... Entra na agua muito resoluta, como não temendo as ondas que a encharcam d'espaco a espaco, e o banheiro sempre ao lado...

Chuviscava.

N'isto entra apressadamente, segunda pessoa... Um rapaz alto, de fato completo de flanela azul ingleza, um chapéu redondo, uns colleirinhos altos de percale branca e vermelha...

Sahe para o banho. Ghega, chafurda, e retira.

Logo a senhora guiada por o banheiro entra tambem.

—Exclamação, gritos, dentro!

Demoram-se.

Eu queria ver o resto, tenho posto a barraca como scenario: tinha primeira dama, galã, só me faltava o desfecho á comedia...

Um sugeito gordo, muito gordo mesmo e vesgo, chegou. Falla com o banheiro que grita para dentro da tal barraca: — Que ella já tem freguez...

No mesmo instante abrem-se as cortinas.

A senhora de paletot, colleirinhos, chapéu de coco, luvas e leque...

O janota de calça, de jersey, de rendas ao pescoço, de chapéu de flores...

Olhando-se muito enearnados dous:

—Ah!

—Oh!

O sugeito gordo

—Uh!

E tornaram a entrar !
Eu esperava ainda...

Sahe o janota muito perfumado.
E o banheiro :
—Meu senhor !
O sugeito gordo, muito gordo
mesmo e vesgo quiz entrar logo !
O janota perfilando-se :
—E' minha mulher !

Casado ? !
Salvou-se a moral !
Chuviscava ainda...

(Das telas Burguezas)
=no prélo=

Adir-Agram.

Tu e eu

Tu és a pallida rosa
Cheia de aromas e graça,
Cujas petalas mimosas
Se abrem silenciosas
A' fresca brisa que passa.
Tu és a pallida rosa
Cheia de aromas e graça !

Eu vivo dos teus perfumes,
E só vejo o que tu vês;
Eu sou o espinho aguçado,
Eu sou o banco estufado
Onde tu pousas os pés.
Eu vivo dos teus perfumes
E só vejo o que tu vês.

J. Brites.

UM SONHO

(A MINHA PRIMA LUCIA DORDIO)

ERA em novembro. O sol brilhava no azul ethereo e dardejava seus raios sobre a terra, ainda humida das chuvas, que cahiram anteriormente. A natureza começava a despir-se das suas vestes de galas, e n'este dia esplendido, convidava-nos a gosar as suas ultimas delicias.

Sahi a procurar allivio ás minhas amarguras e distrahir o espirito das saudades, que me acabrunhavam. Absorto nas saudosas recordações da aldeia, que me deu o ser, e nos entes mais queridos, vagueei por muito tempo ao acaso; e quando com um supremo esforço, consegui erenar as tempestades que me abayavam a imaginação, encontrei-me entre frondosas e copadas arvores, em um lugar ameno, onde a natureza reunido todos os encantos do verão, e onde o inverno não penetrar. Eu estava e deleitava-me a olhar alegre das nuvens quando levemen-

te a folhagem; o deslizar suave de um regato por entre a relva florida, formando aqui e acolá pequenas cascatas, formavam uma harmonia, que me faria olvidar momentaneamente as minhas amarguras, e bem dizer o auctor de tão encantador e aprasível paraíso. Sentei-me sobre a relva, junto do tronco de uma velha arvore, mudo, extalico, ante o mavioso trin-ar de um rouxinol, que volitava alegre, entre as balseiras. Fiquei assim, por mu to tempo, absorto em profunda meditação, até que o torpor me invadiu os membros e me obrigou a cerrar as palpebras.

O meu espirito, elevou-se então ás regiões ethereas do infinito e entregou-se a chymericos devaneios.

Contemplava um grupo de modestas e odoríferas violetas, que vegetavam entre as agrestes florinhas, quando do calice de uma d'ellas, sahiu envoltó em alvos mantos, aureolado pela innocencia, um anjo, em forma de mulher.

As tranças loiras, em longas madeixas, nos hombros nus, e agitadas pela aragem, espalhavam a flux, ondas de inebriante e encantador brilho.

Os olhos ! ? oh ! os olhos ? ! eram grandes, azues, e despendiam raios magneticos, que profundavam até ao intimo de meu coração, e o faziam pulsar convulsamente agitado por profunda emoção.

Os seus contornos, as suas formas divinaes, eram o perfil de uma deusa.

Fiquei extalico, ante tão seductora e celeste visão. Com um sorriso brincando-lhe nos labios, dirigiu-se para mim. Enlaçou-me em seus braços, e senti murmurar aos ouvidos, maviosas palavras, que embalavam e serenavam a pouco e pouco o meu espirito.

Nasceram-me, então, desejos de saber quem era ella, tão formosa e modesta, como a florinha d'onde nascera. Tomando-lhe as niveas mãos, profundamente comovido, apenas pude balbuciar estas palavras : «Quem és tu, oh ! visão celeste, que te condoeste da minha solidão, e vens mitigar as amarguras do meu atroz soffrimento ! Quem és tu, que vens offerecer-me o teu amor e trazer-me a felicidade, que tanto ambiciono ? »

Sorriu-se, e fugindo de meus braços, escondeu-se no calice da violeta, balbuciendo este nome : Esperança. O coração enlutou-se-me de tristeza. Chamei-a mil vezes, mas em vão. Um sussurro proximo, quebrou o meu sonho; despertei.

O sol começava a descahir no horisonte, e o estrellado manto da noute approximava-se. Fugi allucinado d'aquelle lugar, pensando no anjo do meu sonho, na virgem que inspirara amor ao meu coração.

Mil idéas, extravagantes, funestas, me assaltavam o espirito; tentei tranquilisar-me, mas debalde. Entrei em casa triste e abatido, devorado por uma febre abrazadora, que durante a noute me não deixou conciliar o somno.

A cada momento, parecia-me ouvir, como canticos dulcissimos, as maviosas phrases de tão angelica creatura; e se cerrava as palpebras, a sua imagem sorridente, apparecia-me mais bella e seductora.

Assim decorreram tristes as longas horas da noite, até que o sol, levantando-se no horisonte, coando seu raio pela minha janella, me

inundou o quarto de luz e trouxe algum lenitivo á minha dor.

Comtudo, permaneci ainda de cama um mez entre a vida e a morte balbuciendo nas horas de delirio o nome d'aquelle que amava loucamente.

Têm-se passado longos dias depois d'este; ainda hoje sua imagem sorridente, como nuvem vaporosa, me surge a cada passo, guiando-me nas trevas da minha mocidade, e meu coração pulsa anciosamente por essa deusa dos meus sonhos.

Porto-1-11-86.

Silvano Cruz.

DOLORA

(INEDITOS)

A luz dos olhos teus
como que vem dos céos.
O' limpido arrebol
da aurora do meu lar,
és sempre a doce luz
que o meu viver conduz.
De dia és o meu sol,
de noite o meu luar.

E quando ás vezes penso
que nos amamos tanto,
que o nosso amor immenso
é casto e puro e santo,
digo com alegria
lembrando-me de ti :
«—Bemdito seja o dia
em que te conheci ! »

Pois desde então não sei
que trago dentro em mim,
que nunca, nunca andei
tão satisfeito assim.
Ah ! creio que este amor
immaculado, terno,
não pode ser maior.
E' um amor eterno !

1886.

Joaquim de Lemos.

Theatros do Porto

Eis-me aqui, querida belleza, muito embaraçada, ao fazer d'esta chronica, já se vê—; porque não sei o que hei-de dizer.

Mas, emfim...
—Póde ser...
—Eu, por mim...
—Com franqueza...
—Quero dizer...
—Pelo contrario...
—Ora ! Isso é impossivel !...
—Dens me livre...
—Depois, os jornaes já disseram tudo...
—E' o mesmo ! Torna-se a dizer...
—Diabo ! A's vezes podem-me chamar plagiario...
—Hum ! Não creio...
—Sim, elles são todos muito boas pessoas, mas...
—Mas ? ? ? ? ?
—Oh !
—Ah !
—Ih !
—Uh !
—Isto é atroz ! ! !

—Sim, atroz chuchadeira...
—Não ! Atroz o embaraço em que me vejo...
—Porque ?
—Se te parece, ainda não disse nada de theatros.
—Pois dize. Principia pela Ione.
—Ione ! Olha, ella agradou em parte, mas desagradou...
—A' outra parte, já sei...
—Que fazer ?
—Aprecia os *Bandidos* do Principe Real.
—Os *Bandidos* do Principe Real ?
—Sim, a operetta...
—Ah ! julguei que chamavas bandidos aos auctores e atrizes do...
—Credo !... Então ?
—Então... digo-te que os *Bandidos* já foram muito apreciados.
—E os *Recreios* ?
—Com as *Cartas na meza* ? Ora !
—Pensa então em alguma coisa boa, alguma novidade.
—Pensa tu !
—Estou meditando...
—Vou fazer o mesmo...
—Nada...
—Coisa nenhuma...
—Ora isto !...
—Eureka !
—Hein ! O quê !
—Achei !
—Vá ! Dize !
—Uma noticia palpitante ! Admiravel ! De sensação ! Pyramidall Uma noticia que vai causar revolução ! Uma noticia formidavel ! Uma novidade...
—Que massador !
—Mas ouve;—olha que isto é tragico—Vai, misero chronista; vai annunciar ao-mundo que está a chegar á invicta cidade a celebre, a suavissima, a incomparavel, a grande cantora Helena Tiodorini !
Vai annunciar ao mundo que os ouvidos dos portuenses vão ser deliziados pela harmoniosissima voz de essa mulher phenomenal, d'esse portentoso musical, d'essa rainha do casto ! ! Então, que dizes a isto ? Não te admiras ? Não pasmas ?

—Ah ! ! !

—Oh ! ! !

—Uh ! ! !

Thalcave.

ESPECTACULOS

Quinta-feira 24 de março de 1887

Theatro Baquet.—A 1.^a representação do drama em 1 prologo, 2 quadros e 3 actos: *O Padre*. — A's 8 horas da noute.

Theatro Camões. — A 1.^a representação do drama sacro em 5 actos, original do ex.^{mo} snr. A. Botelho.—*Santa Genoveva*.—A's 8 horas.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção, rua do Pinheiro n.º 61—Porto.

IMP. REAL DE PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza—Porto